

A doutrina linguística de Amaro de Roboredo

MARINA A. KOSSÁRIK*

(Universidade de Lomonossov, Moscovo)

Esta comunicação representa uma parte da investigação que ando a realizar já há muitos anos e que é dedicada ao estado do pensamento linguístico no Portugal dos séculos XVI e XVII. O meu objectivo consiste em apreciar o lugar, na história da linguística europeia, da tradição portuguesa, representada por muitos textos interessantes, entre os quais as obras de Amaro de Roboredo.

Não há necessidade de argumentar aqui quanto à importância do estudo da história da linguística e, por isso, vou só dizer algumas palavras para explicar o meu interesse pelo tema. A atenção pela história da linguística cresceu muito nos últimos anos, como testemunham o aparecimento de novas investigações e as reedições de textos linguísticos antigos. Estes factos encontram a sua explicação não só no tradicional interesse de saber humanístico pelas suas raízes, mas também nas mudanças do paradigma científico, as quais, como demonstrou T. Kuhn, provocam o crescimento da atenção pela história da ciência. O estudo das tendências clarifica os mecanismos de formação e desenvolvimento de ideias científicas, a correlação entre a tradição e a inovação, ajudando-nos a ver novas perspectivas.

Na historiografia europeia a tradição linguística portuguesa continua pouco conhecida. Porém, sem apreciar devidamente os monumentos portugueses, a história da doutrina linguística europeia não se pode considerar completa. Neste contexto são de grande importância os recentes estudos realizados pelos historiadores portugueses. Muitos destes estudos são dedicados aos séculos XVI e XVIII, enquanto o século XVII ainda não mereceu suficiente atenção. No entanto, este período poderia ajudar-nos a compreender mais profundamente as etapas de formação de vários conceitos da linguística moderna, às vezes denominados "as ideias de Port-Royal", mas que, na realidade, se formaram no seio de uma longa tradição, em que a linguística portuguesa teve um papel que não deve ser menosprezado.

* Bolseira do Instituto Camões.

Um dos autores que abrem o século XVII é Amaro de Roboredo, cuja doutrina é interessante não só em si mesma, mas também como elo entre os séculos XVI e XVII. Nos estudos da historiografia linguística, que me foram acessíveis, não consegui descobrir muita informação sobre este filólogo. J. Leite de Vasconcelos dedica-lhe uma meia página nos *Opúsculos*; mencionam-no J. Prado Coelho, T. Verdelho; a lista de obras do linguísta seiscentista está presente nas bibliografias de Inocêncio e de Simão Cardoso; há informações dele na *Bibliografia Filológica Portuguesa*. Uma caracterização do mais importante texto linguístico de Roboredo encontra-se no artigo de D. Woll no *Lexikon der Romanischen Linguistik* (WOLL, 1994, 654-655); L. Lopes Fávero apresenta uma descrição sumária de dois livros de Roboredo (FÁVERO, 1996, 40-51). Mas, no entanto, é possível afirmar que, até hoje, a sua doutrina linguística não foi objecto de um estudo especial de historiógrafos modernos. Isto apesar de a obra de Roboredo ser muito apreciada pelos filólogos dos séculos XVIII e XIX: este autor está presente nas bibliografias do *Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado pela Academia das Ciências de Lisboa, e da *Gramática Filosófica* de B. de Lima e Melo Bacelar. Os autores do *Dicionário* escrevem sobre um dos livros de Roboredo que “o seu *Methodo Grammatical* para todas as lingoas he obra de grande merecimento, e a mais philosophica, que temos em Portuguez sobre esta materia” (ACADEMIA REAL, 1993, CLXXV). No estudo de V. Gomes de Moura (MOURA, 1823, 352), também achamos uma adequada caracterização da doutrina do filólogo seiscentista e elogios que depois Inocêncio citaria (SILVA, 1858, 54-55).

Sabe-se pouco da vida de Amaro de Roboredo: são desconhecidas as datas do seu nascimento e morte, há dados contraditórios sobre o lugar de nascimento (Algoa ou Viseu). É sabido que foi secretário do arcebispo de Évora, teve benefícios numa igreja de Arruda e na Sé de Viseu, foi educador de filhos de famílias nobres, particularmente, dos condes de Castelo Branco, a cujos membros dedica as suas obras linguísticas.

A actividade científica e pedagógica de Amaro de Roboredo realizou-se numa época em que a linguística portuguesa já tinha tido uma grande experiência de descrição de línguas, dos mais variados sistemas: tinham sido publicadas, além de dicionários, gramáticas do latim (as de Sousa, Resende, Cardoso, Clenardo¹, Álvares), obras dedicadas à língua portuguesa (as de Oliveira, Barros, Gândavo, Nunes de Leão, Faria), a gramática hebraica de Távora, gramáticas de línguas da Índia, do Brasil, do Japão (as de Henriques, Anchieta, Cristóvão, Rodrigues, Figueira). Por começos do século XVII, a linguística portuguesa, além de ter feito a descrição a vários níveis de numerosas línguas, tinha abordado os problemas da apologia da língua nacional, da sua norma e história; e é nessa época que surgem questões de pragmática e de correlação entre língua e linguagem (no sentido moderno destes termos). O contexto científico, sem dúvida alguma, deveria influenciar o gramático seiscentista.

O perfeito conhecimento da literatura filológica da Antiguidade clássica e do Renascimento, português e europeu, bem como a experiência pedagógica, serviram como base à obra de Roboredo, que é constituída por vários livros. Alguns deles, apesar de serem editados, podem considerar-se perdidos, não se co-

da defesa da totalidade do paradigma das funções da língua materna, a constatação das diferenças estruturais entre o português e o latim, a tese da riqueza do vernáculo), que já foram analisadas em investigações historiográficas dos últimos anos, e só vou prestar atenção aos aspectos da defesa da língua portuguesa, nos quais se centra Roboredo e que não foram completamente resolvidos no século XVI.

Prolongando Oliveira e Barros, Roboredo presta muita atenção à defesa das funções do português como língua de ensino e de ciência. No prólogo do *Methodo*, ele insiste na necessidade de ensinar primeiro a língua materna e só depois, outras línguas:

ignorárom a necessidade que há de se reduzir primeiro a arte da lingua Materna e logo a Latina, Grega e Hebraea e as mais, que quizerem aprender (*M*⁴, a3v-a4).

Segundo Roboredo, a língua materna deve estudar-se no nível teórico:

E a lingua materna se há primeiro de ensinar per arte aos meninos. Para o que fora de muita importancia crearse hũa cadeira da lingua Materna ao menos nas Cortes e Universidades (*ibid.*).

Roboredo expõe as seguintes razões para o estudo teórico do português:

Saberão os principiantes per arte em poucos anos & melhor a lingua Materna, que sem arte sabem mal per muitos anos (...): terão mais copia de palavras, & usarão dellas com mais propriedade. (...) Saberão per regras de compor & derivar ampliar a lingua Materna, & ajuntar-lhe palavras externas com soffrivel corrução, & formar outras de novo; para que com menos rodeios se possam explicar conceitos & as ciencias, quando na Materna se queirão explicar (...). Saberão fugir de palavras externas ainda não recebidas quando têm proprias por não mostrarem que a lingua he mais pobre: como o Jurista que usa de Dolo, quando tem Engano (*M.*, a4-a4v).

Roboredo escreve a gramática de latim em vernáculo, insistindo em que a descrição deve realizar-se em direcção do português ao latim (*M.*, a2v-a3v) e que não se pode escrever a gramática de tal modo, "como se os meninos foram latinos" (*M.*, b3v).

É esta uma das características em que divergem os textos de Roboredo da gramática de Manuel Álvares. Como fica claro dos fragmentos expostos, Roboredo, desenvolvendo as ideias da linguística quinhentista, defende a consolidação das funções da língua materna como língua de ensino e de ciência, em particular, como língua de descrição gramatical. Segundo Roboredo, as propriedades do latim devem demonstrar-se ao aluno nas regras, comparando as duas línguas:

Nella [na *Grammatica* de 1625] achará o Mestre regras novas porem mui ajustadas com (...) a propriedade do Latim em correspondencia do Portugues (*GL*⁵, Prol, 3r).

Assim, da apologia da língua materna, surge a necessidade de comparação de línguas. Como resultado, as obras de Roboredo assumem o carácter de descrição comparativa de duas línguas: o gramático dá paradigmas paralelos de nomes, preposições, verbos, advérbios, revela correspondências nos meios de expressão de vários significados gramaticais (categorias de género, número, caso do nome; tempo, modo e voz verbal). A comparação realiza-se também ao nível da sintaxe (carácter de negação, regência, ordem de palavras, correlação

Como os seus precursores (autores de gramáticas especulativas, Linacre, Sanchez), Roboredo vê as bases do universalismo linguístico na razão, que deve ser revelada nas gramáticas:

Grammatica depende da razão (M, b);

Havia hũa so lingua quando a razão era mais unida a qual como vinculo dos entendimētos, & artes i. é, gramáticas importa ir ao menos per divisões descobrindo (M, b4v);

Nella [na *Grammatica latina*] o Mestre achará regras novas; porem mui ajustadas com a razão (GL, Prol., 3).

Conforme à concepção racionalista de língua, Roboredo realiza a descrição a partir do significado universal para as formas de línguas particulares, utilizando o português como língua de explicação do significado, ou seja, como metalingua. Roboredo não só realiza este princípio na prática, como também o explicita: "Inquiri as regras pela natureza dos significados, ainda nas línguas que não sei" (M., b4).

Ao apresentar a doutrina gramatical de Amaro de Roboredo, limito-me apenas, por falta de espaço, a resumir algumas das suas características. Roboredo define a gramática como "arte de fallar, que tem por fim a oração bem concertada" (M., 64). Esta definição, parecida com a de F. Sanchez, dada em *Minerva*, visa o nível da oração como o principal objecto de descrição gramatical. Quero lembrar que mais tarde seguiriam o mesmo princípio os autores de Port-Royal. Na *Gramática* de 1625, as classes gramaticais de palavras são apresentadas como partes constituintes da oração:

Grammatica he a arte de letras que ensina a fallar concertadamente. As letras Latinas são as mesmas que as Portuguesas. Dellas se compõe Syllaba (...), e de Syllabas as palavras (...), & de Palavras a Oração, que he o fim, a que esta arte se encaminha (...). Esta Oração consta de cinco partes, em que a palavra se divide; as quaes são Nome, Preposição, Verbo, Adverbio, Conjunção (GL, 1).

Para o gramático, "o substantivo he o fundamento e o principio da Oração" (GL, 23).

Merece relevo o facto de Roboredo distinguir os conceitos de oração e de frase, dedicando-lhes diferentes partes do *Methodo*. A oração é o objecto da gramática, ou seja, da base universal de todas as línguas, enquanto que a frase é determinada por propriedades das línguas concretas:

Frase he um particular modo de fallar de cada lingua segundo apronuniação e ajuntamento de palavras per certa collocação dellas (M, 182).

A Frase pois, que he hũa das propriedades de cada lingua, muitas vezes se não pode interpretar em outra lingua palavra por palavra (M, c).

A primeira raiz de que depende he a varia significação metaphorica, na qual se usão as palavras, alem da propria e o vario sitio e ornamento dellas. A segunda he a multiplicação de palavras para um conceito e a de conceitos pelas mesmas ou varias palavras. A terceira he o conhecimēto e uso da figura Ellipse. A quarta he o conhecimēto de Dativo e de Substantivo, q̄ ou per cōtinuação no mesmo caso ou postos em diverso, fazem diverso modo de fallar, e o conhecimēto e uso de alguns Adjectivos, Adverbios e Conjunções. A quinta he o uso das Preposições, que com seus casos e varios significados produzem varios modos de fallar (M, 182).

Nestes fragmentos chama a atenção, entre muitas outras coisas, a compreensão por parte do gramático seiscentista do papel dos vários níveis do sistema lin-

E como ha tres castas de Accusativos, hum exterior e vario, outro interior e certo, e o terceiro he algum destes me, te, se, nos, vos, se (os quaes são tão facéis de entender, q̄ he propriedade Latina calaremse e he propriedade Portuguesa declararemse:) he mui racional dividir os Verbos Activos em tres castas (GL, 67).

Para as partes do discurso é importante a questão das suas categorias. Ao tratar delas, Roboredo evita usar o termo "accidentes". De acordo com os princípios da gramática de Oliveira, Roboredo exclui da lista de categorias "espécie" e "figura", não ligadas directamente aos significados gramaticais, mas à formação de palavras. Ao apresentar as partes do discurso, Roboredo, mais uma vez coincidindo com Oliveira, não distingue classes léxico-semânticas, tratando das características semânticas de nomes e verbos só quando delas dependem construções sintácticas - regências (M, 49). Na linha de gramáticas quinhentistas, particularmente da de Barros, Roboredo apresenta as partes do discurso como categorias universais, cujo significado, presente em todas as línguas concretas, se realiza nelas por vários meios. Assim, sobre o caso escreve:

E são estes casos (...) seis, naturalmente necesarios para declarar os varios conceitos (...). As ultimas syllabas dos casos em cada Numero são semelhantes em muitas línguas, principalmente Vulgares e Hebraica; porem na Latina e na Grega não são semelhantes em todos os casos (M, 66).

Tal compreensão de caso, bem como de outras categorias, justifica a apresentação paralela dos paradigmas latinos e portugueses, para demonstrar claramente as diferenças da expressão de significados universais.

A doutrina de Roboredo comprova o desenvolvimento que tinham em Portugal as ideias da língua universal, explícitas nos seus textos, que têm as seguintes características de gramáticas universais: reconhecimento da razão como base universal de todas as línguas; ideia da existência de significados universais que se realizam em línguas particulares por meios diferentes; exposição na gramática dos dois níveis, universal e particular; descrição a partir do significado universal para as formas de línguas particulares, utilizando a língua materna como a de explicação do significado, i. é, como metalíngua. A descrição da morfologia e da sintaxe do ponto de vista de gramática universal condiciona a especificidade da distinção das partes do discurso e das suas categorias. Entre as características inovadoras na doutrina gramatical de A. de Roboredo são importantes também a distinção de oração e de frase e a tendência para distinguir um nível superior ao nível de oração, i. é, o nível de microtexto.

Como já foi indicado, a metalíngua das obras de Roboredo é o português, e isto é um motivo para voltarmos, mais uma vez, a alguns aspectos da apologia da língua materna. A obra de Roboredo ajuda a esclarecer alguns detalhes da evolução do papel do latim e do vernáculo na descrição gramatical. Além de aspectos ligados com as mudanças da situação sociolinguística na época renascentista, que já foram analisadas em várias investigações, nesta problemática parece existir uma faceta, relacionada com o desenvolvimento das ideias de língua universal, a qual não posso deixar de analisar. Poderíamos traçar as fases da modificação da atitude perante o latim como metalíngua. As gramáticas latinas tradicionais, tanto medievais, como renascentistas, foram escritas em latim.

Nas gramáticas especulativas, bem como na *Minerva* de F. Sanchez, cuja metalíngua também é o latim, o conceito da língua universal está inseparavelmente ligado ao latim, que se considera a língua mais próxima ao ideal linguístico. As primeiras gramáticas das línguas românicas⁸, escritas nas respectivas línguas, estabelecem a tradição do uso da língua materna como metalíngua, sendo, porém, de notar que, as gramáticas do latim de Nebrija e Barros foram escritas ainda em latim. Os autores de gramáticas missionárias, seguindo as gramáticas de vernáculos, compõem-nas na língua da metrópole. E, finalmente, nos textos de Roboredo, a língua materna já serve de instrumento de descrição do próprio latim. Podemos dizer que Roboredo conclui um longo processo de "dessacralização" do latim, que já se considerava só como uma das possíveis realizações da língua universal, a par de muitíssimas outras línguas. Deste modo, depois da substituição do latim pelas línguas nacionais em outros géneros de escrita, nos séculos XVI-XVII realiza-se a rendição do latim como metalíngua.

É de notar que, diferentemente de Oliveira e Barros, Roboredo nem toca a questão da superioridade ou da igualdade de línguas, e isto não é só sinal de modificações na situação sociolinguística. O novo conceito de língua universal destrói o próprio princípio da hierarquia linguística: o latim, como qualquer outra língua, considera-se uma das muitas em toda uma série de línguas particulares. É importante um detalhe, que distingue Roboredo dos seus antecessores quinhentistas e de filólogos seiscentistas⁹: enquanto é típico dos autores anteriores e até posteriores o enaltecimento das respectivas línguas nacionais, a afirmação da sua superioridade sobre as outras línguas românicas, o autor do *Methodo grammatical para todas as linguas* trata da defesa da língua materna como um tema geral. Desenvolvendo as ideias renascentistas, Roboredo aborda não só a defesa do português, como também o próprio princípio da defesa da língua materna, sem diminuir por isso o papel cultural e nacional do português: é assim que defende, como já o tinham feito os gramáticos quinhentistas, a necessidade de espalhar o português nos novos territórios (M., a4v-b).

Caracterizando, em geral, as posições de Roboredo na apologia da língua materna, podemos dizer que o gramático seiscentista, prosseguindo a defesa da língua portuguesa, iniciada pelos gramáticos do século XVI, testemunha o fortalecimento do estatuto do português e a passagem do latim a uma nova categoria: o latim deixa de se considerar o topo da hierarquia das línguas, não só por causa do aumento de prestígio da língua materna, mas também por se começar a destruir a própria noção de hierarquia de línguas; a obra de Roboredo testemunha a universalização da ideia da defesa da língua nacional.

Tem ainda mais uma importante característica inovadora, respeitante à didáctica das línguas estrangeiras, área em que Roboredo merece ser apreciado como um dos fundadores dos modernos princípios de ensino. O racionalismo, sensorialismo e um certo psicologismo servem a Roboredo como bases teóricas de ensino, que são comprovadas pela prática (como explicita, o gramático seiscentista experimentou o método antes de o expor na obra). Segundo Roboredo, no ensino "que ajuntasse a spiculação i.é, compreensão teórica com a experien-

cia" (M, a1v). O autor acha necessário incluir no corpo da gramática uma grande quantidade de exemplos:

E como he notoria a grande dependencia, que o discurso humano tẽ dos sentidos corporaes, procede dereito dos effeitos para as causas, dos exemplos para as regras (...) Daqui nasce fazerem os exemplos tanto abalo no entendimento humano. Daqui o succeder bem em nossas grammaticas passar da muita explicação do livro para as regras da arte e começar naquella a intelligencia destas: As quaes se sabem despois melhor dando volta pelo Methodo doutrinal despois o principiante ter a primeira ajuda sensual (M, b2).

Na gramática de 1625, Roboredo viria a desenvolver as suas ideias:

sempre o exemplo devia preceder (...), com o exemplo diante, o qual fica servindo juntamente de regra: pois mais facilmente colhe o entendimento a regra do exemplo que o exemplo da regra. Notorio é ser o entendimento naturalmente tão dependente em seu obrar dos cinco sentidos corporaes, q̄ nenhũa cousa percebe sem entrar per ellas, e que estes tẽem por objectos as cousas singulares, as quaes são representadas nos exemplos. Donde o entendimento começa per elles a subir fazendo seus cursos, e discursos até chegar, aas cousas universaes, que são representadas nas regras. Despois q̄ tẽe subido a estas regras informado dellas torna descendo com mais destreza para os exemplos. De modo que ao discipulo convem primeiro subir assim das partes ao todo, isto he, dos exemplos para as regras, a q̄ chamam metodo da Natureza; e ao Mestre convem o descer desse todo para suas partes, isto he da regra para os exemplos, a q̄ chamão metodo de Doutrina (GL, Prol., 1v-2).

Como podemos ver, Roboredo, prestando atenção aos problemas de indução e dedução, tão importantes na doutrina pedagógica posterior, formula a ideia de método no ensino, dos princípios de cognição, analisa a especificidade das actividades do aluno e do professor. O gramático segue o princípio de audio- e visualização, expondo a necessidade de explicações de professor e de um manual especializado:

Porque lhe [ao aluno] faram as figuras das letras no papel, a palavra e oração, como objectos dos sentidos, mediante os quaes hão ellas de subir ao entendimento (M, b2v).

Daqui vem a nítida estrutura das gramáticas de Roboredo, paradigmas, emprego de vários tipos de caracteres, um sistema de comentários interlineares e marginais, etc. Roboredo considera que o estudo deve realizar-se, "ajuntando muitos exemplos em o livro e em voz, que o aprendiz veja, ouça, apalpe" (M, b2). O autor não deixa de valorizar os aspectos psicológicos:

o gosto de entender allevia o trabalho (M, c2v);

A emulação entre os Discipulos importa espertar ao menos com louvores e vituperios (M, 83).

Roboredo indica a necessidade de o professor se acomodar "aa rudeza dos principiantes" (M., 80), "correspondendo no Mestre sufficiencia, bondade e benevolencia, não deve faltar a fee benevola do Discipulo", que, a sua vez, deve ter "engenho, applicação continua, fee devida aa arte e Mestre" (M, c4).

São de um certo interesse, pelo seu pragmatismo, algumas recomendações metodológicas do pedagogo seiscentista. As explicações do professor devem formar, primeiro, a compreensão do significado, com o apoio na língua materna, para os alunos entenderem os meios de expressão deste significado na língua estrangeira:

Pode o mestre explicar (...) primeiro o sentido, logo a gramática vulgar, a significação de cada palavra Latina, que parte da Oração he tal palavra, os accidentes¹⁰ seguintes e finalmente a frase" (M, 80).

Cada tema gramatical, segundo Roboredo, deve ter cinco graus de treino que diferem por dificuldade do material estudado, quantidade e tipo de exercícios. O treino deve começar "no mesmo dia em que se trazem de lição" (GL, 69) e acabar com leitura e composição de textos de vários estilos funcionais e, em fim, com um "discurso oratorio" (GL, Prol., 5-6). Roboredo insiste no treino simultâneo de morfologia e sintaxe: formas verbais nas construções com nomes (GL, 40); "advirtase que as Preposições vão assim fraseadas (...) e com ellas se adianta muito o principiante" (GL, 31). O *Methodo* contém um grande número de sentenças que, servindo de exercícios, exemplificam regras e preparam o aluno para a leitura de livros. Partindo do princípio racional, o autor do *Methodo* sublinha o papel da tradução no esclarecimento das diferenças estruturais e estilísticas entre a língua materna e estrangeira. Roboredo propõe uma espécie de programa de estudos, com indicações dos prazos, incluindo cálculos de horas por mês, necessários para a aquisição de conhecimentos linguísticos (M, c3v, 80, 83; GL, Prol., 9, 12). As gramáticas de Roboredo são uma espécie de curso intensivo da época, pois o autor sublinha que o seu método dá possibilidade de aprender a língua em poucos meses. Uma importante característica da doutrina linguodidática de Roboredo é a possibilidade de ela ser aplicável a qualquer língua, graças à universalização da metodologia de ensino de línguas: "É o que mais podia estimar, he ficar com os principios comũs para saber facilmente outras linguas" (M, c4v). Roboredo escreve sobre a possibilidade de "passar per este Methodo para as outras linguas" (M, a4v), de usar o método para estudar línguas das terras descobertas e ensinar aos povos destas terras o português, "reduzindo a lingua dos Barbaros (...) ao mesmo Methodo (...), comunicandolhes pelo mesmo a nossa" (*ibid*).

Podemos dizer que as gramáticas de Roboredo representam um novo tipo de manuais escolares de aprendizagem das línguas, ao mesmo tempo que a doutrina de ensino de línguas, explicitada pelo autor, constitui uma etapa muito importante na formação da metodologia moderna.

É evidente que a doutrina linguística de Amaro de Roboredo não é um fenómeno isolado. A análise da tradição anterior e posterior revela ligações das ideias deste gramático com a linguística antiga, medieval, renascentista, a dos séculos XVII-XVIII, XIX e XX. Infelizmente, o limitado espaço não dá a possibilidade de expor mais detalhadamente estes laços, mas eles são já evidentes da própria característica dos textos deste autor português, injustamente esquecido, que desempenhou um importante papel no desenvolvimento do cânone gramatical e na formação de novos tipos de gramáticas: comparativas, universais e escolares. Além disso, as obras de Roboredo são interessantes monumentos da prosa científica, testemunhos do estado da língua portuguesa no começo do século XVII, apresentado por um filólogo fino e conhecedor. Este autor bem merece ser reeditado: uma edição fac-similada e comentada do *Methodo grammatical para todas as linguas* vai realizar-se no próximo ano.

Concluindo, gostaria de caracterizar do seguinte modo o significado dos séculos XVI-XVII na história da linguística.

I

Os séculos XVI e XVII podem apreciar-se como período de formação da linguística como ciência madura e independente de outras áreas do saber. A esta conclusão levam importantes processos, que se realizam na época:

1. Constitui-se a noção da língua como objecto específico de estudo, diferente dos outros domínios do saber humano;
2. Amplia-se enormemente a área de estudo: aumenta consideravelmente o número de línguas descritas; estudam-se vários aspectos da língua, descrevem-se todos os níveis do sistema linguístico;
3. Surge uma nova problemática, reflectindo a nova atenção dada ao funcionamento da língua. Alguns destes aspectos recebem uma elaboração séria, outros não passam de esboço:
 - a) na sociedade (questões de apologia¹¹, de norma¹², de comunicação¹³);
 - b) no espaço (português nos novos territórios, correlação da norma e de dialectos¹⁴);
 - c) no tempo (questões de história¹⁵);
4. Diversificam-se os géneros da descrição linguística:
 - a) criam-se gramáticas, dicionários, diálogos, tratados ortográficos, cartinhas;
 - b) esboçam-se vários tipos de gramáticas: universais¹⁶, particulares, ou normativas¹⁷, comparativas¹⁸, históricas¹⁹, escolares;
5. Tudo isto testemunha a estruturação do saber linguístico, reflectindo o início da formação das respectivas disciplinas linguísticas nos séculos XVI e XVII.

II

Entre a doutrina dos dois séculos existe uma estreita ligação, notando-se, no entanto, uma evolução de conceitos. O século XVI, na prática, elabora certas ideias como princípios de descrição gramatical, as quais existem implícitas (por exemplo, correlação entre a língua universal e línguas concretas, nas gramáticas de português e nas de línguas exóticas), ou, se são explícitas, aplicam-se a uma só língua (a ideia de apologia da língua materna). No limiar do século XVII, estas ideias já aparecem explícitas e espalham-se a outras línguas, o que, primeiro, leva à universalização das ideias correspondentes e, posteriormente, viria a resultar na formação dos conceitos teóricos, ou seja, propriamente científicos.

Como demonstra o estudo dos monumentos linguísticos portugueses da época e, entre outros, das obras de Amaro de Roboredo, a tradição portuguesa contribuiu muito para estes processos, importantíssimos na formação da linguística moderna.

NOTAS

- 1 Foi em Portugal que este humanista flamengo publicou a sua gramática latina.
- 2 Só é conhecida a variante reelaborada do século XVIII.
- 3 F. de Oliveira, J. de Barros, P. Magalhães de Gândavo, D. Nunes de Leão.
- 4 *Methodo grammatical para todas as linguas*.
- 5 *Grammatica Latina*.
- 6 Não abordo aqui a questão de atribuição de *De Modis Significandi sive grammatica Speculativa* a Duns Scot ou a Thomas de Erfurt.
- 7 Devo lembrar que os gramáticos dos séculos XVI e XVII usavam a terminologia morfológica, por exemplo, nomes de casos, para exprimir as funções sintáticas: "Nominativo" para indicar o sujeito e nomes de casos oblíquos para outros actantes, o que faz lembrar a "gramática de casos" na sintaxe semântica do século XX.
- 8 As de Nebrija, Oliveira, Barros, entre outras.
- 9 M. Severim de Faria, A. Ferreira de Vera.
- 10 Este é o único caso em que Roboredo usa o termo "accidente".
- 11 Nas obras de Oliveira, Barros, Magalhães de Gândavo, Nunes de Leão, Roboredo, Faria, Ferreira de Vera.
- 12 Nas obras de Oliveira, Barros, Magalhães de Gândavo, Nunes de Leão, Ferreira de Vera, B. Pereira, Barreto.
- 13 Em gramáticas missionárias.
- 14 Nas obras de Oliveira, Barros, Magalhães de Gândavo, Nunes de Leão.
- 15 Nos tratados de Nunes de Leão, em parte, já nas obras de Oliveira e de Barros.
- 16 As de Roboredo, em parte, já as de Barros e de missionários.
- 17 A de Oliveira.
- 18 As obras de Roboredo, em parte, já as de Oliveira, Barros, de missionários.
- 19 Os tratados de Nunes de Leão.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, I. Truninger de. "A evolução do conceito de gramática dos gregos aos ingleses do século XVII, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras". *Miscelânea de estudos dedicados a Fernando de Mello Moser*. Lisboa, FLL, 1985. p. 187-198.
- ALMEIDA, J. M. "Uma gramática latina de João de Barros". *Euphrosyne*, vol. II, 1959, Lisboa.
- BUESCU, M. L. Carvalhão. *Babel ou a ruptura do signo. A gramática e os gramáticos do século XVI*. Lisboa, 1983.
- O estudo das linguas exóticas no século XVI*. Lisboa, 1983.
- Os Grammatices rudimenta de João de Barros*. Lisboa, 1972.
- BURSILL-HALL, G. L. *Speculative grammars of the Middle Ages* (Approaches to Semiotics, 11). The Hague-Paris, 1971.
- The Middle Ages. Current Trends in Linguistics*. Vol. 13. *Historiography of Linguistics*. The Hague-Paris, 1975.
- "Some Notes on the Grammatical Theory of Boethius of Dacia". *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976. p. 164-188.
- CALAFATE, P. "Gramática e filosofia no século XVIII em Portugal". *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa - 5ª s., Nº 15 (1993). p. 145-154.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História da linguística*. Petropolis, 1986.
- CARDOSO, S. *Historiografia gramatical: 1500-1920: língua portuguesa - autores portugueses*; Faculdade de Letras do Porto, Porto, 1994.
- CARDOSO, S. Cerveira. *A gramática filosófica de Jerónimo Soares Barbosa: Reflexões da Gramática Geral*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva. Universidade do Porto, 1986.

- CASTELEIRO, J. Malaca. "Jerónimo Soares Barbosa. Um gramático racionalista do século XVIII". Separata do *Boletim de Filologia*, Tomo XXV, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1980/81.
"A Doutrina Gramatical de Jerónimo Soares Barbosa". *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, Classe de Letras, Tomo XXI, Lisboa, 1980.
- COELHO, J. Prado. *Linguística em Portugal. Dicionário de Literatura*, 3ª ed., vol. 2. Porto, 1976. p. 531-534.
- COXITO, A. A. *Lógica, Semântica e Conhecimento na Escolástica Peninsular Pré-Renascentista*. Coimbra, 1981.
- FÁVERO, L. Lopes. *As concepções linguísticas no século XVIII: a gramática portuguesa*. Campinas, SP., 1996.
- FREIRE, A. "A Gramática Latina do Padre Manuel Álvares e seus impugnadores". *As Grandes Polêmicas Portuguesas*. Lisboa, 1964. p. 333-389.
- GONÇALVES, M. F. *Madureira Feijó, ortografista do século XVIII: para uma história da ortografia portuguesa*. Lisboa, 1992.
History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics. Berlin, New York, 1976.
- KOSSÁRIK, M. A. "A contribuição de gramáticos portugueses para o desenvolvimento da linguística europeia (nos séculos XVI e XVII)": *Letras & Letras*, Nº. 108, Maio 1994, Porto. p. 21-22.
As primeiras gramáticas e tratados linguísticos portugueses: para a história da doutrina linguística. Tese de Doutoramento, Universidade Estatal de Moscovo Lomonóssov, 1991.
"On the Problem of Tradition and Innovation in the History of Linguistic Studies. Renaissance and Contemporary Linguistic Paradigms: two epochs' bondage". *Moscow State University Bulletin (Vestnik Moskovskogo Universiteta) Series 9, Philology*, Nº 5, September-October 1995. p. 104-116.
"Renaissance and Modern Linguistic Paradigms - the Connection of Epochs". *Linguistics by the End of the XXth Century: Achievements and Perspectives. International Conference Abstracts*, Vol. I. Moscow. Philology Publishers, 1995. p. 259-261.
- KUHN, TH. S. *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago, 1962.
- KUKENHEIM, L. *Contributions à l'histoire de la grammaire italienne, espagnol et française à l'époque de la Renaissance*. Amsterdam, 1932.
Contributions à l'histoire de la grammaire grecque, latine et hébraïque à l'époque de la Renaissance. Leiden, 1951.
Esquisse historique de la linguistique française et ses rapports avec la linguistique générale. Leiden, 1962.
- LAKOFF, R. "La Grammaire générale et raisonnée, ou la grammaire de Port-Royal". *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976. p. 348- 373.
- MARQUILHAS, R. *Norma Gráfica Setecentista: Do Autógrafo ao Impresso*. Lisboa, 1991.
- MOURA, J. V. Gomes de. *Noticia succinta dos monumentos da lingua latina e dos subsidios necessarios para o estudo da mesma*. Coimbra, 1823.
- PADLEY, J. A. *Grammatical Theory in Western Europe 1500-1700*. Cambridge, 1976.
- PERCIVAL, W. Keith "Deep and Surface Structure Concepts in Renaissance and Mediaeval Syntactic Theory". *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976. PP. 238-253.
- ROBINS, R. H. *Ancient and Mediaeval grammatical theory in Europe*. London, 1951.
A short history of linguistics. London, New York, 1979.
- SALUS, P. H. "Universal Grammar 1000-1850". *History of Linguistic Thought and Contemporary Linguistics*. Berlin, New York, 1976. p. 85-101.
- SILVA, I. F. da. *Dicionario Bibliographico Portuguez*, Tomo 1. Lisboa, 1858.
- VASCONCELOS, J. Leite de. *Opúsculos: a filologia portuguesa*, 4º vol., 2ª parte. Lisboa, 1929.
- VERDELHO, T. *As Origens da Gramaticografia e Lexicografia Latino-portuguesas*. Aveiro, 1995.
- WOLL, D. "Portugiesisch: Grammatikographie". *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL)*, herausgegeben von Günter Holtus, Michael Metzeltin, Christian Schmitt. Tübingen, 1994. p. 649-672.

TEXTOS

- ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. *Dicionario da lingua portuguesa*. Lisboa, 1993.
Facsimile da ed. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1793.
- ÁLVARES, M. *Emmanuelis Alvares (...) grammatica libri tres*. Olyssipone, 1572.

- ANCHIETA, J. de. *Arte de Grammatica da Lingua mais usada na costa do Brasil* (...). Coimbra, 1595.
- ARNAULD, A.; LANCELOT, C. *Grammaire Générale et raisonnée* (...). Paris 1664 (1ª ed. 1660).
- BACELAR, B. de Lima e Melo. *Gramática filosófica da língua portuguesa*. Reprodução facsimilada da edição de 1783 com introdução e notas pelo Amadeu Torres. Lisboa, 1996.
- BACON, R. *The opus Maius of Roger Bacon*. Frankfurt, 1964.
- BARRETO, L. F. *Ortografia da língua portuguesa* (...). Lisboa, 1671.
- BARROS, J. de. *Grammatica da língua portuguesa. Dialogo em louvor da nossa linguagem*. Olyssiponc, 1540.
In: BUESCU, M. L. Carvalhão. *Os grammatices rudimenta de João de Barros*, Lisboa, 1972.
- CALEPINO, A. *Dictionarium*. (Paris), 1516.
- CARDOSO, J. *Institutiones in linguam latinam* (...). Lisboa, 1562.
- CLENARDO, N. *Institutiones Grammaticae Latinae* (...). Bracarae, 1538.
- FARIA, M. S. de. *Discursos varios politicos, Discurso II* (...). Evora, 1624.
- FIGUEIRA, L. *Arte da lingua Brasilica* (...). Lisboa, (1621).
- GÂNDAVO, P. Magalhães de. *Regras que ensinam a maneira de escrever e orthographia da lingua Portuguesa, com hum Dialogo que a diante se segue em defensam da mesma lingua*. Lisboa, 1574.
- HENRIQUES, H. *Arte da lingua malabar*. Manuscripto do séc. XVI.
Janua Linguarum (...). Salamanticae, 1611.
- LEÃO, D. Nunes de. *Orthographia da lingua portugesa* (...). Lisboa, 1576.
Origem da lingua portuguesa (...). Lisboa, 1606.
- LINACRE, T. *De emendata structura Latini sermonis libri sex* (...). London, 1524.
- NEBRIJA, A. de. *Gramatica de la lengua castellana*. Madrid, 1990. (1ª ed. Salamanca, 1492).
Introductiones in latinam grammaticam. Compluti, 1523. (1ª ed. Salamanca, 1481).
- OLIVEIRA, F. de. *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*. Lisboa, 1536.
- PEREIRA, B. *Ars Grammaticae pro lingua Lusitana* (...). Lugduni, 1672.
Regras gerays breves & comprehensivas da melhor ortografia (...). Lisboa, 1966.
- RESENDE, A. de, L. *Andreae Resendii De verboru(m) coniugatione commentarius*. Olissipone, 1540.
- ROBOREDO, A. de. *Grammatica latina* (...). Lisboa, 1625.
Methodo grammatical para todas as linguas (...). Lisboa, 1619.
Porta de Linguas (...). Lisboa, 1623.
Raizes da Lingua Latina (...). Lisboa, 1621.
Regras de Ortografia Portuguesa, 2ª. ed. Lisboa, 1738 (por iniciativa do Padre Vitorino José da Costa).
- SOUSA, M. de. *Institutiones* (...). Coimbra, 1535.
- TÁVORA, F. *Grammatica hebraea* (...). Conimbricae, 1564.
- SANCHEZ, F. (de las Brozas). *Francisci Sanctii Brocensis* (...) *Minerva: seu de causis linguae Latinae*. Salamanticae, 1587.
- SCOTUS, J Duns *De Modis Significandi sive Grammatica Speculativa*. Ad Clara Aquas, 1902.
- SIGER DE COURTRAI (Ed. G. Wallerand). *Summa modorum significandi*, (Les Philosophes Belges, 8). Lovaina, 1913.
- VERA, A. Ferreira de. *Orthographia ou Modo para escrever certo na lingua Portuguesa* (...). Lisboa, 1631.
Breves louvores da lingua Portuguesa (...). Lisboa, 1631.